



AUTOR(ES): RAYANE SUELLEN MENDES GONÇALVES e NAIARA BARBOSA DE JESUS.

ORIENTADOR(A): NELCIRA DURÃES

VIVENCIA PIBID: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL GONÇALVES CHAVES.

Resumo

O presente texto se trata de um relato de experiência das bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), graduandas do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), em vivência na sala de aula com os alunos do 6º ano da Escola Estadual Gonçalves Chaves, tendo como foco a vivência ocorrida entre os meses de fevereiro, até o mês de julho de 2019. O PIBID tem se revelado de grande valia para os graduandos de Artes que anseiam uma formação qualificada, e bem exemplificada do que é ser docente, além de proporcionar a prática docente aos discentes antes mesmo da formação, proporciona a escola e aos alunos, a quebra da visão de que artes é uma disciplina sem importância, permitindo que os bolsistas dessa área, levem a eles a sensibilidade, o pensamento crítico, e as várias possibilidades e importância do ensino de Artes na formação do ser humano.

Palavras-chave: PIBID; Docência; Artes Visuais.

Introdução

O programa PIBID está relacionado a valorização do futuro professor, como dito por Gadotti (2008, p.19) “No Brasil, o professor é desvalorizado. Há um ditado popular conhecido: “Quem sabe faz, quem não sabe ensina”. Vemos esse programa como um caminho que nasceu para qualificar os futuros profissionais da educação e destruir essa visão de que um professor não tem valor, mostrando que existe sim um valor e que os professores recebem um incentivo para prática docente, antes mesmo de formados. É a partir do contato em sala de aula que se torna possível que o discente possa colocar em prática todos aqueles conteúdos que lhe são ensinados por anos durante sua formação acadêmica; um estudante que idealiza um futuro profissional licenciado, tem uma visão totalmente diferente do que é ensinar em sala de aula, um pensamento desvinculado da realidade, alimentando sonhos, que como afirma Gadotti (2008,p.19)”A realidade, contudo, é muitas vezes bem diferente do sonho”. É a falta de contato com essa realidade verdadeira que tem feito muitos professores desistirem de atuar na área de formação; é fato que anos de estudos, podem sim formar um profissional qualificado, mas apenas teoricamente, pois não é possível formar um bom profissional docente e realmente qualificado, sem que ele passe por um preparo que possa desenvolver uma ação de teoria e prática, assim também discorre Libaneo (2004):

A profissão de professor combina sistematicamente elementos teóricos com situações práticas reais. É difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida. Por essa razão, a ênfase na prática como atividade formativa é um dos aspectos centrais a ser considerado, com consequências decisivas para a formação



profissional (LIBANEO, 2004, p.230).

Os encontros do PIBID, para o planejamento das aulas na Escola Estadual Gonçalves Chaves, no qual atuamos ocorrem semanalmente, com orientação de uma coordenadora de Área e de uma supervisora, que é professora da escola. Através desses, encontros é que nos preparamos para então lecionar duas aulas, sendo uma na sala do 6º ano 1 e outra na sala do 6º ano 2, as aulas de Artes acontecem todas as semanas, às terças-feiras no turno vespertino. Todos os encontros e aulas lecionadas são controlados por lista de presença.

Vivenciando o PIBID

A escola Estadual Gonçalves Chaves é um local acolhedor, onde trabalham excelentes profissionais da educação, tivemos que adaptar às atividades com o espaço disponível na escola, como pátio e algumas áreas externas que podem ser utilizadas, porém não são adequadas, pois a preocupação é em atrapalhar as outras turmas das salas próximas aos únicos locais disponíveis para atividades que exigem mais espaço. A sala é dividida em três grupos, sendo um Artes Musica, outro Artes Teatro e outro para Artes Visuais, atividades realizadas pelo grupo de Teatro e música se tornam as mais difíceis de serem executadas, pois a escola não possui quadra, então as atividades são realizadas na praça que se encontra em frente a mesma. As salas do 6º ano que lecionamos possuem pouco espaço para a quantidade de alunos, e a divisão faz com que consigamos dar a aula normalmente. No momento da aula os alunos de Artes visuais ficam na sala, enquanto as outras áreas utilizam a praça. Outro problema é a falta de cobertura nos lugares externos no período de chuva. Sobre o perfil dos alunos são crianças com idades de 12 e 13 anos, carismáticas, educadas, e que gostam de estudar, é notável que existe um acompanhamento por parte dos pais, mas é uma turma que precisa ser ganhada por meio das artes, porque ao darmos aula percebemos o quanto não levam a sério a disciplina por pensarem que Artes é a apenas um horário para brincar, mas isso vem sido mudado aos poucos.

A primeira sensação ao entrar em sala de aula foi de insegurança pois estávamos pela primeira vez diante de uma turma de crianças repleta de energia. Aos poucos fomos vencendo os receios. O Tema trabalhado foi a Arte popular brasileira, para aborda-lo com as crianças, construímos um plano de aula, onde levamos para a sala contos em forma de cordel e xilogravura. Ao aplica-lo, observamos a criatividade que as crianças têm. Mesmo com as dificuldades do tempo corrido por ser uma aula por semana em cada sala, foi possível finalizar este trabalho, onde eles conheceram cordéis vinculados a contos populares, e construíram seus próprios cordéis ilustrados com suas próprias xilogravuras, utilizando materiais, papel, tinta e Etil Vinil Acetato (E.V.A). Tivemos bons resultados, que era estabelecer uma conexão entre as crianças, trabalho em equipe e a criatividade para elaborar.

Em seguida damos início ao segundo plano onde avaliamos a criatividade das crianças e imaginação na construção de um flipbook ou folioscópio, que são desenhos sequenciais organizados em um livreto que quando



folheado se dá a impressão de movimento, criando assim uma animação. Os desenhos do folioscópio basearam-se em um poema criado por eles mesmo com temas relacionados às artes, logo depois de estudo teórico adequado ao entendimento da idade deles, sobre alguns poemas e poetas brasileiros. Por serem crianças tivemos um pouco de dificuldade para trabalhar o flipbook, mas conseguimos atingir o interesse de grande parte da turma.

Com relação às dificuldades podemos citar o tempo e a quantidade de aulas disponíveis para as atividades artísticas nas escolas. O local onde aplicamos as aulas, não é o mais adequado. Ao iniciar as atividades fica difícil terminá-las, por causa do tempo disponibilizado, pois a execução de um trabalho artístico exige um tempo maior para fazer. Além de ser necessário fazer uma contextualização. Podemos destacar como dificuldade também o fato de serem crianças e ainda estarem aprendendo a eficiência do silêncio na sala de aula o que também atrasa a aplicação do trabalho levando boa parte do tempo organizando-os e pedindo silêncio, são várias dificuldades que às vezes impedem que um plano de aula seja seguido à risca, como dito por.

Outra observação foi o desinteresse de alguns alunos pela arte, alguns não queriam de forma alguma estar ali, e mesmo tendo outras oficinas como Música e Teatro, não queriam participar. Segundo Freire (1996) “Um educando que não quer construir conhecimento é o mesmo que não ter esse educando para ensinar, pois, não se pode forçar ninguém a fazer aquilo que não deseja.” No entanto o mais difícil foi a organização e o interesse dos alunos sobre as aulas.

Considerações finais

Essa proposta do PIBID em capacitar os professores é algo que floresce de forma positiva na vida de cada acadêmico bolsista do programa, é gratificante ver o quanto aprendemos com as experiências únicas que o programa nos proporciona, especialmente com a proposta interdisciplinar das artes, conseguimos informações únicas e preciosas que farão toda a diferença quando formarmos e exercermos nossa profissão em sala de aula, vemos hoje a sala de aula com um olhar diferente e concluímos que o profissional docente não se faz somente estudando e sim praticando. Entendemos hoje durante nossa estadia no PIBID que encontraremos muitas dificuldades como a falta de espaço para desenvolver nossas atividades, a falta de interesse por parte de alguns alunos, a não possibilidade de fazer aquilo que idealizamos, mas também a capacidade de melhorar e adaptarmos a determinadas situações. Com o olhar diferente de quando iniciamos a participar no programa, vemos que podemos mudar a visão dos alunos sobre a desnecessidade da Arte, mesmo que esse conceito de que a Arte é desnecessária, que a Arte é só colorir, venha sido reforçado por professores de Artes que não exercitam seu trabalho de forma satisfatória e/ou correta, com amor e dedicação a nossa profissão é possível mudar essa realidade, através da sensibilidade e com muita responsabilidade, e exercendo o nosso papel conseguimos fazer a diferença.

Enfim, enfatizamos que o acompanhamento da supervisão e da orientação tem sido motivadoras para a



realização das oficinas na Escola. Tem sido relevante e enriquecedora a experiência que vivenciamos no Programa. Nesse sentido reconhecemos a importância de projetos dessa natureza e torcemos para que a Universidade e a Capes continuem dando oportunidades aos alunos de participarem de projetos que contribuam para a sua formação e ainda sejam contemplados com auxílio financeiro

Referências

- CCAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID**. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/pt/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 03 setembro 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir, *Boniteza de um sonho*. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire. 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.
- MARIA, Tânia. *Ensinar- Aprender Pensando a prática pedagógica*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1782-6.pdf>. Acesso em: 17/06/2008.
- MEDEIROS, Casemiro, *Saberes docente e autoestima dos professores*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- RAYS, Oswaldo Alonso. *Metodologia do ensino: cultura do caminho contextualizado*. Santa Maria: Pallotti, 2000. p. 89-102.
- THIESEN, Juarez da Silva. *A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem*. Revista Brasileira de Educação, 2008, v. 13, n. 39, p.545- 5